

DEVOÇÕES CEMITERIAIS NO INTERIOR DO CEARÁ: ENTRE A ACEITAÇÃO E A REPROVAÇÃO SOCIAL

Michelle Ferreira Maia¹

Este artigo compõe uma apresentação breve de uma discussão que fizemos em nossa tese, intitulada, “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978), defendida no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados em 2015.

São dois casos peculiares, no que diz respeito à percepção das diferentes compreensões da construção de santos populares, abordando a aceitação e reprovação das devoções em seus lugares de origem pela sociedade.

O primeiro caso, e que faz parte do primeiro capítulo do livro Milagreiros,² estuda a devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, na Cidade de Crateús, Ceará. O médico era conhecido pela população pelos atendimentos prestados aos pobres. Atendia principalmente as mulheres grávidas e as crianças, tanto na Policlínica quanto em suas casas; característica utilizada por muitos dos entrevistados para explicar a sua diferenciação diante outros médicos.

O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi também prefeito da cidade, algo muito comum, visto que, muitos se aproveitavam das benevolências da sua imagem de médico para concorrer a cargos eleitorais. No Ceará, ainda hoje, podemos encontrar médicos ocupando cargos, a exemplo de vereador, prefeito, dentre outros.

O médico foi eleito em 1962 e ficou na prefeitura até 1966, quando foi afastado por improbidade administrativa em pleno período ditatorial no Brasil. É interessante salientar, que ao contrário das lembranças dos entrevistados sobre a figura do médico, a de prefeito não é pauta nas discussões sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

Este fato nos possibilita compreender que o que é rememorado no presente depende em demasia do interesse da imagem que se quer afirmar ou construir. Ou seja, o significado da elaboração destas memórias sobre o médico está assentado na sua imagem de milagreiro. Assim, é mais plausível perceber que o ideário de médico salvador dos pobres, e, portanto, humanitário, se impõe a do prefeito deposto. Neste ponto, explicitamos a nossa compreensão acerca de memória como processo permanente de construção e reconstrução do passado, como elaboração que se dá no presente respondendo a questões

1 Prof^a. Dr^a e Gestora de Pesquisa do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário INTA – UNINTA. Sobral/CE.

2 MAIA, Michelle Ferreira. “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). Fortaleza: Premius Gráfica e Editora, 2019. ISBN: 978-85-7924-727-9.

instigadas pelo presente. (MENESES, 1992, p.10-11).

Além disso, pontua que para a população a figura do médico que curava as mazelas do corpo também apresenta o milagreiro que tem a função de oferecer ainda outros tipos de cura: da alma, dos problemas cotidianos, das dificuldades financeiras e emocionais.

Foi após a trágica morte que a ascendência e construção das memórias sobre o *Médico Humanitário* ganharam significados na cidade de Crateús. O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi barbaramente assassinado por agricultores em 1969. As notícias veiculadas na capital do Ceará apresentavam os fatos decorrentes do desenlace: as tramas do assassinato, o cortejo fúnebre e sepultamento do morto, assim como a caçada e prisão dos acusados.

Durante a pesquisa de campo, observamos que umas das frases mais narradas pelos entrevistados foi a que teria sido a última proferida pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso antes de findar-se: “Salvei tantas vidas e ninguém vai salvar a minha”. O clamor se punha como o desalento daquele que corria antes para *zelar* pela vida dos outros.

O assassinato é a trama mais abordada e considerada cruel, visto que seu corpo foi maculado pelas cinco perfurações a faca. Ainda outro fator de piedade, é que ele morreu em cima da carroceria de um carro, sem nenhum auxílio médico, porque estava longe da cidade e da policlínica onde era membro e um dos proprietários.

Diante da trama do assassinato e, mediante a comoção a que a cidade ficou, acreditamos que houve um incansável trabalho da família do médico em alimentar a sua memória. Além disso, é pertinente afirmar que a construção de uma nova imagem, a de milagreiro, foi promovida por algumas ações que veremos adiante, o que consideramos os inícios da promoção da devoção do milagreiro em Crateús, seja no Cemitério São Miguel ou no lugar de sua morte.

O primeiro indício que apresenta esta questão, é que foi justamente um familiar do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, que segundo as narrativas, teria em sonho recebido uma tarefa do falecido, a de fazer cópias de um retrato seu para que fosse distribuído para mulheres, principalmente as mães. O pedido foi cumprido e muitas mulheres passaram a guardar a imagem.

As mulheres que solicitavam ao médico vivo atendimento para si ou para os seus filhos, agora depois de sua morte, com a posse da fotografia, poderiam recorrer na hora da aflição, pois tinham em mãos a intercessão do milagreiro. Na cidade de Crateús é comum encontrar filhos que receberam o nome de Olavo como pagamento de promessa ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Segundo as mulheres, a homenagem é porque recorreram ao milagreiro para ter um bom parto.

Apenas a fotografia não refletiria o desejo da família do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso de edificar a memória de milagreiro do médico. No lugar onde teria dito suas últimas palavras foi erigido uma cruz. Há duas inscrições em horizontal no Cruzeiro. A primeira, exhibe ao visitante a seguinte informação: “Foi morto na sua Fazenda Xavier em 2-09, o conceituado e humanitário médico Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, nascido 15-08-1925. Orai por ele”. A segunda mensagem explica o significado: “Este cruzeiro que fora colocado aqui pelo seu tio Florentino de Araújo Cardoso em 2-10-1969 constitui imorredora lembrança da passagem do extinto pelo mundo”.

De acordo com Clarival do Prado Valladares, “a denúncia e o protesto no túmulo da vítima atribuível correspondem a uma forma de vingança; o modo da vingança é sublimar-se uma vez na pedra e cal”. A denúncia sobre o assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi erigida no lugar da morte, na propriedade de outra pessoa; clamava-se uma memória sobre o crime no futuro através da cruz de madeira.

A intenção da família era a de deixar rastros sobre os quais o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso não fosse esquecido. Compreendemos, que, neste momento, não há indícios da criação do santo diretamente. São os devotos que, posteriormente, aproveitaram o espaço à sua maneira para o pagamento de promessas. (VALLADARES, 1972, p. 605).

Outro espaço, onde pode-se perceber em demasia a devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso é no seu túmulo no Cemitério São Miguel. Há a presença dos ex-votos de madeira no formato de diversas partes do corpo, fotografias e resquícios das velas que foram antes acesas. O túmulo é o que mais recebe visitas, e não apenas isso; toda a estrutura tumular apresenta os elementos de que o médico é concessor de milagres.

Entendemos que a devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e a sua presença no Cemitério São Miguel não provocaram nenhuma objeção da sociedade local. Afinal, para eles nada mais justo e natural a devoção à alma que em vida já cuidava e zelava pelo povo, principalmente os pobres.

A memória ainda é reelaborada, a cada aniversário de morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Uma nota sobre todos os fatos do passado rememora o episódio nas páginas de um jornal local. De fato, o empenho é fazer reverência ao morto mais ilustre.

Ao contrário, no Cemitério Municipal de São Benedito, outro milagreiro é evocado. João Ferreira Gomes – alcunhado popularmente por João Pedras – em vida praticava roubos. Para os são-beneditenses, ele era o ladrão que “roubava dos ricos” para dar aos pobres. Na década de 1970, ele foi preso várias vezes. Inclusive, foi transferido para a capital Fortaleza, e ninguém, nem mesmo a polícia podia conter por muito tempo a prática dos roubos.

Durante a pesquisa de campo, era possível perceber a oposição ao João das Pedras como milagreiro, quando nos indagavam porque tínhamos escolhido ele como tema de pesquisa: “tanta gente importante na cidade e você vai pesquisar justo um ladrão”. O que os sujeitos não compreendiam era que o nosso interesse era entender como o ladrão tinha caído nas graças e se tornado um santo popular.

Desde o início percebemos a grande ausência de fontes impressas e escritas sobre o João das Pedras, algo que também diferencia este milagreiro do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Percebemos que era através das narrativas dos devotos e dos contemporâneos que a trajetória sobre o ladrão e hoje o santo popular se faziam eloquentes.

Investigamos quais os marcos selecionados pelo sujeito em São Benedito para defender ou apresentar a devoção ao João das Pedras. Nas narrativas, tudo começava no episódio da morte. Ele morreu em abril de 1978, eletrocutado, na tentativa de entrar em uma casa. O fato decorria de uma “armadilha” feita pelo proprietário da casa para proteger a sua propriedade. Assim, construiu uma fiação caseira para “dar choque” em quem por ventura desejasse invadir o espaço. Entretanto, não houve apenas o choque, mas a morte.

Esta questão é selecionada pela memória dos devotos para apontar que João das Pedras foi uma presa fácil na armadilha. Vítima de crueldade, a ele foi negada a possibilidade de defesa, pois foi fatal o seu fim, ao morrer eletrocutado no próprio local.

Após morto, o corpo foi carregado como um porco pela cidade, e os braços e as mãos foram amarrados num varão de madeira. A profanação do corpo morto sensibilizou e salvou o ladrão diante dos olhos de muitos. Afinal, como compreender a crueldade de se fazer tamanha humilhação com quem já estava morto; tratava-se de um julgamento injusto.

Para alguns, João das Pedras havia conquistado o fim que mereceu. Mas, para os devotos, neste instante, da morte e do cortejo, João das Pedras teria se arrependido dos roubos cometidos. E, assim, foi salvo pela graça divina, e, não apenas isso, passou a ser considerado concessor de milagres.

Não é possível precisar ao certo a data do início da devoção. O que podemos afirmar é que as práticas de agradecimentos à alma milagrosa do João das Pedras fizeram com que o seu túmulo fosse nomeado como aquele que mais recebe velas em todo o Cemitério. Acompanhamos a devoção desde 2003 até 2015. É perceptível pelo acervo de entrevistas e fotografias que construímos acompanhar o crescimento da devoção, que ocorre em demasia no dia 02 de novembro de cada ano.

O túmulo é sem dúvida o espaço maior da devoção. A presença dos ex-votos de madeira também representando as diversas partes do corpo estão presentes, além de garrafas de água, imagens de santos católicos, fitas e, principalmente, as marcas

enegrecidas das velas. As velas são o registro maior na estrutura tumular da presença dos devotos.

Percorremos os diversos espaços da cidade procurando os indícios da devoção ao João das Pedras. Outro lugar onde encontramos vestígios da fé dos devotos no milagreiro, foi precisamente num espaço oficial da religiosidade católica, a Igreja Matriz de São Benedito. Aqui, os devotos solicitam diariamente intenções de missas para “a alma do João das Pedras”, como forma de pagamento de promessa.

É inclusive neste espaço que vislumbramos a oposição e rejeição à devoção popular ao João das Pedras. Muitos devotos, desconhecem o seu nome de batismo, João Ferreira Gomes. Assim, no interior da Igreja, os secretários são responsáveis por fazer as anotações das marcações. E durante a missa, o nome que será proferido pelo padre é o nome de batismo. Significa dizer, que, de certa forma, tenta relegar ao esquecimento ou reduzir a percepção da memória de milagreiro. Ora, o devoto ou os devotos ao não ouvirem o nome do santo popular João das Pedras, poderão pensar que as promessas concedidas pelo santo cessaram e que ele já não obra milagre como antes.

O que os membros do catolicismo oficial da cidade não esperavam, era que um devoto anônimo procuraria a família do João das Pedras para descobrir o seu verdadeiro nome. E que logo após tomar conhecimento colocou o nome em um azulejo exposto no túmulo no Cemitério de São Benedito. Assim, todos aqueles que visitassem o espaço tumular conheceriam o seu nome, e não seria mais estranho ouvir na homilia o nome João Ferreira Gomes.

O túmulo do João das Pedras recebe um número considerável de ex-votos, e são estes que identificam que aquele espaço é diferente, pois apresenta que ali está o milagreiro. Outro lugar e uma outra forma que identificamos que há uma oposição e rejeição à devoção, é o descarte relegado aos ex-votos. Logo após a o dia de finados são jogados no lixo ou queimados os objetos deixados no túmulo.

Não é dito quem fez ou faz, apenas é feito, sem permissão de nenhum familiar ou devoto. A proposta é clara: limpar e descartar. É intenção se fazer esquecer a excepcionalidade daquele túmulo e, assim, de quem ali está enterrado.

Desse modo, com o que explicitamos neste artigo, pode-se observar as divergências entre as duas devoções estudadas. Se por um lado há uma aceitação para com a imagem de milagreiro do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, pela sociedade de Crateús, por sua vez, a devoção ao João das Pedras é reprovada pela elite local, pelos religiosos da cidade de São Benedito; ambos acreditam que a devoção ocorre pela ignorância do povo.

De fato, embora haja ações para reduzir a proporção da devoção ao João das

Pedras, ela teima em crescer, mesmo sem ter o empenho familiar de promoção do morto como apresentamos com o que ocorre com o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

Podemos considerar que cada devoção apresenta as suas peculiaridades, nos possibilitando refletir sobre a grandiosa trama do povo em construir seus milagreiros, através de caminhos traçados pelos ideais de fé no sagrado, ou pela incansável busca de resolução dos problemas terrenos, ou pela crença de aquele santo popular seja o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso em Crateús ou o João das Pedras em São Benedito pode conceder uma ou várias graças.

Concordamos com François Dosse quando assegura que: “a história envereda cada vez mais pelos caminhos obscuros e complexos da memória até em seus modos extremos de cristalização, tanto ideais quanto materiais [...]”. (DOSSE, 2004. p. 184). Isso nos faz refletir que a percepção dos milagreiros passa pelo crivo das memórias, da oralidade e da materialidade do ex-votos.

Referências

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004. p. 184.

MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza - CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará, 2010.

MAIA, Michelle Ferreira. “*Milagreiros*”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). Fortaleza: Premium Gráfica e Editora, 2019. ISBN: 978-85-7924-727-9.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: *Rev. Inst. Est. Bras.*, SP, 34:9-24, 1992. p.9-23.

VALLADARES, Clarival do Padro. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.